

O UNIVERSAL E O PARTICULAR

UMA VIDA A COMPARAR

Homenagem a Maria Francisca Xavier

**Organização**

Alexandra Fiéis

Maria Lobo

Ana Madeira



Edições Colibri

*Biblioteca Nacional de Portugal*  
– *Catálogo na Publicação*

O UNIVERSAL E O PARTICULAR

O universal e o particular : uma vida a comparar / org. Alexandra Fiéis,  
Maria Lobo, Ana Madeira. – 1ª ed. – (Extra-colecção)

ISBN 978-989-689-477-1

I – FIÉIS, Alexandra, 1970-

II – LOBO, Maria, 1968-

III – MADEIRA, Ana, 1967-

CDU 811.134.3(042)

Trabalho financiado por Fundos Nacionais através da  
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
no âmbito do projecto PEst-OE/LIN/UI3213/2014

**Título:** O Universal e o Particular: uma Vida a Comparar.  
Homenagem a Maria Francisca Xavier

**Organização:** Alexandra Fiéis, Maria Lobo e Ana Madeira

**Editor:** Fernando Mão de Ferro

**Capa:** Raquel Ferreira sobre fotografia de Ana Maria Martins

**Depósito legal n.º** 389 484/15

Lisboa, Dezembro de 2014

# **SOBRE SENTIMENTOS: UM DIÁLOGO IMAGINADO ENTRE MARIAS**

Maria Célia Lima-Hernandes

(Universidade de São Paulo)

Maria João Marçalo

(Universidade de Évora)

## **1. Introdução**

A língua é feita para explicitar, mas também para ‘esconder’ da consciência do interlocutor propriedades, às vezes, relevantes, para compreender a mensagem num campo mais objetivo. Lidar com essas implicitudes da língua conduz-nos ao reconhecimento da abstratização de elementos às vezes muito concretos (pessoas, objetos, lugar) e às vezes muito complexos e abstratos (tempo, espaço e eventos). Um procedimento tão produtivo como esse é capaz de esconder uma propriedade, fazendo com que ela deixe de ser percebida por uma geração inteira ao longo do tempo<sup>1</sup>.

Com o experienciamento de uma codificação linguística de maior grau de implicitudes históricas, é natural que o procedimento básico de interpretação contextual/situacional seja fracassado ou, ao menos, impreciso. Entrará em campo o exercício inferencial que requererá mais da capacidade humana de mapear relacionalmente, propiciando que uma reanálise semântica seja efetuada. O efeito disso é um ganho de proficiência em construções abstratas da língua. Num quadro de aquisição de linguagem, a criança passa a ser capaz de interpretar coisas de um tipo em termos de coisas de outro tipo. Fazendo isso, passa a compreender que as pessoas falam metaforicamente<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> A esse fenômeno Lima-Hernandes (2008, 2010) chamou *esquecimento histórico*.

<sup>2</sup> Isso não será suficiente para que compreenda todas as metáforas e analogias encobertas pelas camadas históricas: “No transcurso do tempo ontogenético, as crianças detectam padrões abstratos na linguagem que escutam à sua volta, o que as leva a construir inúmeras diferentes generalizações linguísticas, de categorias de objetos a construções linguísticas esquematizadas e abstratas. Com vários tipos de propósitos comunicativos

É nessa perspectiva da cognição e do uso linguístico que este texto se desenvolverá.

Neste trabalho, que integra o volume em homenagem à Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Francisca Xavier, da Universidade Nova de Lisboa, temos por objetivo propor um diálogo inusitado com um modelo teórico das neurociências que diferencia claramente emoções e sentimentos, fenômenos, segundo Damásio (2011), confundidos como um só mesmo na história das Neurociências. Nossa ideia é estabelecer um diálogo intermediado pela leitura possível da distribuição funcional de um verbo na organização sentencial, interesse constante nos estudos de Maria Francisca.

Esta proposta justifica-se pelas experiências acadêmicas que tivemos com Maria Francisca, que, doce em suas palavras e competente em suas descrições, muito bem soube conduzir seus estudos e suas ações, abrindo espaços interlocutivos criativos como os verificados nos SIMELPs<sup>3</sup>, que criamos e com cuja proposta ela se mostrou sensibilizada envidando esforços para unir acadêmicos de Portugal e do Brasil em pesquisas, em debates de temas de interesse para a linguística de lá e cá, e no envolvimento em grupos investigativos de orientações teóricas pouco similares, mas nem por isso conflitantes. É em homenagem à sua conduta sempre mansa, envolvente, gentil e especialmente inteligente que elaboramos este texto.

Organizamos o texto de modo a, inicialmente, tratarmos de mudança e de emersão de novos sentidos para formas antigas. Para isso, memória e etimologia serão conceitos requisitados. Posteriormente, com base em reflexões e encaminhamentos adotados, passaremos a analisar os padrões do verbo *sentir* para dele depreender padrões de uso.

## 2. Nas vagas do processamento mental: um problema de interação.

Linguistas, ao categorizarem e descreverem usos verbais, partem do aspecto formal e do semântico principalmente. Lidar com o campo semântico e com suas implicações históricas requer que se aborde a evolução linguística e, muitas vezes, o grau de abstratização que o item sob análise tenha empreendido na comunidade linguística.

Já em termos de aquisição de linguagem, o *input* é fundamental e pode ser ‘recebido’ já em graus de evolução altamente abstratos, desde que

---

e expressivos, ao longo do tempo histórico pessoas de todas as culturas aplicaram essas categorias e esquemas abstratos de modo inovador exigindo, para sua compreensão, a interpretação metafórica e analógica de aspectos da realidade”. (Tomasello, 2003:236)

<sup>3</sup> Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (Lima-Hernandes *et al.*, 2007; Marçalo *et al.*, 2009). Em sua primeira edição, realizou-se na Universidade de São Paulo (Brasil); na segunda edição, na Universidade de Évora (Portugal). De lá para cá, tem percorrido os espaços em que a língua portuguesa é interesse de estudo.

enquadrados em situações corriqueiras de uso. À exceção disso, essa espécie de rol linguístico abstrato só acaba sendo experienciado em forma de léxico mais tarde e bem aos poucos. A cada apropriação, a criança vai se inserindo cada vez mais em sua cultura e nos modos históricos de percepção da realidade circundante. Quando consegue fazer isso, a criança amplia suas formas de enquadres, de acesso à compreensão de mais algumas formas de intercompreensão de sua cultura. Expande, gradativamente, seu inventário de contextos. Esse processo, no entanto, não se restringe somente à fase infantil do ser humano. Ele prossegue ao longo da vida, sempre dependente dos experienciamentos socioculturais.

Nas valas da compreensão, e por isso mesmo do processamento mental, a motivação para o surgimento de novas acepções e usos é atribuída ao papel da ambiguidade<sup>4</sup>. Discutiram esse tema Harris & Campbell (1995), que consideraram relevante a questão do pré-requisito, questionando se seria a ambiguidade condição *sine qua non* para que a reanálise se deflagrasse. Encaremos essa velha questão de outro modo: numa situação interativa qualquer, diante de uma informação pouco óbvia em sua interpretação, o falante sabe que o outro está dizendo algo que atende a três regras conversacionais básicas e de domínio de todo falante adulto:

- (a) o interlocutor diz o que permite sequenciar e explicar o que foi dito antes;
- (b) o interlocutor diz o mínimo possível para que o outro vá completando com o que sabe do tema da conversa a partir das interações anteriores ou a partir do que é de domínio geral;
- (c) o interlocutor acredita saber o que o outro sabe sobre o tema para dar a continuidade à conversa.

Há, contudo, alguns inconvenientes com relação ao interlocutor, os quais também orientam os falantes nas interações para que haja êxito comunicativo:

- (d) se o interlocutor pretende não dar sequenciamento ao mesmo tema, providenciará uma forma de sinalizar essa mudança de tópico;
- (e) se o interlocutor sabe que o outro não tem tão clara lembrança das interações anteriores, fornecerá uma maior contextualização a fim de que a conversa seja produtiva;
- (f) se o interlocutor não sabe ou não se lembra da bagagem pragmática do outro, mobilizará mais material linguístico para preencher essa suposta lacuna.

---

<sup>4</sup> Entendemos ambiguidade, tal como Harris & Campbell (1995:70), como a possibilidade de que uma sentença tenha duas interpretações concomitantes (ou seja, estruturas subjacentes diferentes para uma mesma codificação formal de superfície).

Na falha de algum desses pressupostos, a ambiguidade pode ser um provável efeito, embora não seja o único. O interlocutor vai tecendo suposições de sentidos a partir de uma codificação sintática. A ambiguidade, então, se configura. Na decisão sobre qual sentido deve ser o esperado para a situação da conversa, pode ocorrer de uma reanálise se evidenciar. Daí dizermos que a reanálise é semântica em sua motivação: é a decisão por uma interpretação plausível para o contexto e tendo em vista sua história na língua, o que implica todos os aspectos sociolinguísticos pertinentes, inclusive. O falante ‘enxerga’ um sentido tal que pode não ser o esperado pelo interlocutor que o codificou. Muitas vezes, o ‘codificador’ pressupõe que o outro seja capaz de preencher uma sequência, mas o resultado não é o esperado. Provavelmente, o ‘codificador’ nunca saberá desse leve – mas dramático – desvio da informação.

### 2.1. Memória e Etimologia – contextos a replicar

Uma instância fundamental para lidar com conhecimentos e, por consequência, com relações intra e extratextuais é a memória. Enquanto aspecto a ser considerado na linguística, a memória se revela paradoxalmente como um mecanismo humano de estabilidade e de mudança, pois tanto atua para a resposta esperada em situações típicas quanto para a adaptação de uma resposta em uma situação atípica. Nesse sentido, age para a manutenção de determinados padrões de uso e para a mudança em direção a esses mesmos padrões. Em última análise, uma construção linguística é memória, pois permite a apreensão de uma série de traços; e para o cientista, é caminho de reflexão sobre o passado, ou seja, sobre usos empregados por camadas diversas da comunidade linguística.

Há duas memórias, *lato sensu*, em contínua atuação, a de *longo termo* e a de *curto termo*. Esta desaparece da consciência rapidamente (lembrar de um número de telefone fortuitamente lido, por exemplo), e aquela é duradoura. Compreender a relação entre a memória de curto termo e a de longo termo parece ser fundamental para entender a dinâmica da evolução linguística.

Num processo de perda de memória, o indivíduo tem afetada ‘a navegação de tempo e de espaço’ e só depois disso pode ter afetada a própria identidade, um percurso amplamente conhecido pelo linguista que lida com gramaticalização, porém ao reverso, pois as categorias cognitivas mais abstratas vão se esvaindo primeiramente: qualidade > tempo > espaço > [instrumento] > objeto > pessoa > partes do corpo. Embora as subcategorias de *duração*, de *proximidade/distância* e de *quantidade*, por exemplo, ainda não tenham sido devidamente encaixadas em termos de ordenação de ganhos

e de perdas nos estudos linguísticos<sup>5</sup>, sabemos que o que for considerado mais próximo ao indivíduo e que seja mais empregado por ele, mais tempo permanecerá em sua memória. O reconhecimento disso nos permite hipotetizar que o que for mais recorrente em situações cotidianas também pode ter tendência a pertencer à memória de longo termo.

Assim como temos memórias desenvolvidas num plano da inconsciência, também temos memória no plano individual e social. Estas podem ser representadas por axiomas, ferramentas que se constituem como suporte não apenas para uma decisão, mas ainda para a orientação de inferências. E os axiomas, por sua vez, acabam sendo as verdades incontestáveis. Dado que a verdade é, como afirmou Del Nero (1997:373), sempre pragmática (pois é o uso, o fato em si), o impacto frequencial provavelmente esteja na base dessas verdades incontestáveis.

Reforçam essa perspectiva social os postulados de Croft (2010). Segundo o autor, o *espaço conjunto* constitui-se o lugar especial para se chegar a resultados efetivos das interações humanas. Sendo assim, a atuação do aspecto social não pode ser confundida com uma análise que segmente aspectos internos (aspectos intralinguísticos) de externos (aspectos extralinguísticos), mas, sim, ser compreendida como resultante da interação que emerge de ambos os aspectos (Lima-Hernandes, 2011). Isso significa dizer que a busca de intercompreensão se dá mediante (i) o uso de construções já opacizadas; (ii) a interpretação com base no que remanesce de um uso antigo, muitas vezes com elementos já apagados da superfície da codificação; e (iii) estratégias inferenciais abduativas baseadas na bagagem discursivo-pragmática individual dos interlocutores agindo numa química social deflagrada no momento de construção de um *espaço conjunto* de ações.

Consequentemente, os aspectos cognitivos que entram na construção de ações conjuntas podem ser lidos em termos de propriedades cognitivas, mas não somente. Outra prova de que a análise não pode se restringir ao campo exclusivamente cognitivo é, ainda segundo Croft, o fato de que o ouvinte é incapaz de alcançar 100% a formulação e as intenções do falante, assim

---

<sup>5</sup> Talvez aí se concentre uma brecha de conhecimento interessante para um passo mais largo na própria conscientização dos cientistas que lidam com cognição. Minha hipótese é a de que esse conhecimento pode ser auxiliar na compreensão e projeção de atitudes humanas em situação não somente linguística (evolução e uso), mas também em situações de acompanhamento de processos evolutivos de doenças degenerativas que impactem a linguagem. Essa ideia conflui com o que Del Nero (1997:341) vinha desenvolvendo em sua mais última pesquisa: “Diferentes formas de memória estão presentes no domínio da natureza e da cultura. Fala-se em memória no sistema imunológico (as células de defesa se lembrariam dos agentes agressores já conhecidos) até memória cultural (um conjunto de fatos preservados que caracterizam a identidade histórica).” Também está em consonância com as descobertas sobre memória, em experimentos diversos, relatados por Slater (2009), dentre os quais os de falsa memória, de Loftus, e os de necessidade de lembrar, de Kandel.

como o falante, com suas variadas possibilidades de projeção de respostas e de antecipação de ações do ouvinte, não pode alcançar o que de fato há na mente do ouvinte. Concordamos, assim, com Croft<sup>6</sup> ao afirmar que o conhecimento prévio sobre o uso de palavras e de construções de cada um dos interlocutores não coincide totalmente.

## 2.2. O surgimento da consciência e a explanação da complexidade linguística

Partindo do pressuposto de que a construção de uma mente consciente ocorre como resultado de um complexo de adições e de eliminações de mecanismos mentais manifestados recorrentemente ao longo de milhões de anos de evolução biológica, Damásio (2011) assume duas hipóteses para sua investigação: 1. A consciência é construída pelo cérebro, que gera um processo do *self* em uma mente de estado de vigília; 2. O *self* é construído em estágios gradativamente mais complexos.

Segundo o autor, a consciência reside no estado de vigília, ou seja, no momento em que a mente está voltada para o organismo material que ela habita. Sendo assim, “vigília e mente são componentes indispensáveis da consciência” (Damásio, 2011:224). E isso se daria em estágios de gradual complexidade: no estágio do *protosself*, realiza-se a “reunião de imagens que descreve aspectos relativamente estáveis do corpo e gera sentimentos espontâneos do corpo vivo (os sentimentos primordiais)”; no estágio de formação do *self central*, o *protosself* “é modificado por uma interação entre o organismo e um objeto e, como resultado, as imagens do objeto também são modificadas”. Podemos perceber pelos resultados das pesquisas de Damásio, que envolvem o imageamento cerebral, que imagens do objeto e do organismo assimilam-se num mesmo padrão, produzindo, posteriormente, uma sequência narrativa de imagens, das quais algumas são sentimentos. No estágio seguinte, desenvolve-se o *self autobiográfico*, em que múltiplos objetos já registrados como experiência de vida ou futuro projetado (como planos, por exemplo) interagem com o *protosself*, produzindo pulsos de *self central* intensamente.

Damásio vai além e, como neurocientista, reconhece que há um *continuum* aí representado: mente > mente consciente > mente consciente capaz de produzir cultura. Esse *continuum* pode, conforme o autor hipotetiza,

---

<sup>6</sup> “[...] there is a fundamental indeterminacy in the construal of a scene by a speaker and its interpretation by the hearer in a communicative act.” (Croft, 2010:415). Com base nessa reflexão e nos resultados da análise que fez com situações verbalizadas, o autor propõe que a estrutura gramatical, a função e a variação devem ser analisadas em três níveis: sociointeracional, por meio de índices sociais que os indexam e diversidade entre línguas (tipologia linguística).



representar a evolução individual e também a evolução filogenética. Mas essa evolução não se encerra aí. O processo evolutivo continua em resposta a forças motivadas pelo autoconhecimento.

Todas as suas descobertas conduziram Damásio a elaborar uma crítica contundente às neurociências. Segundo ele, elas ocuparam-se tempo demais com a mente e negligenciaram o *self*. Estudar a consciência é, por assim dizer, a grande demanda, pois a evolução humana permite reconhecer que os grandes passos foram marcados pela mente consciente que foi regulando a vida individual e, em consequência, foi guardando o valor biológico.

Na gramática, a discussão sobre o *self* tem sido relegada a segundo plano também. Basta que pensemos no espaço dedicado às interjeições. Elas representam sentimentos e emoções vivenciados pelos seres, e também nesse campo normativo, essa ‘classe’ é considerada de pouco interesse. Reconhecemos que, de um ponto de vista linguístico, talvez seja difícil distinguir os correlatos para esses estágios do *self*. Por outro lado, parece-nos que textos mais elaborados – como os de caráter argumentativo – possam integrar o terceiro estágio, os de relato de fatos vivenciados possam integrar um segundo estágio, e os descritivos, voltados para a apreensão de objetos exteriores, possam integrar o primeiro estágio do *self*. Ainda assim, sabemos hoje que mesmo esses casos de elaboração textual podem apresentar instâncias mais ou menos complexas da subjetividade e intersubjetividade.

Damásio sugere testes de introspecção (o falar consigo mesmo seria um exercício de conscientização), uma capacidade que também se desenvolve em momentos tardios. Algumas propriedades do *self* mais complexo favorecem estudos interessantes em linguística<sup>7</sup>.

Enquanto Damásio caminha para a ênfase a aspectos mais biofísicos, via neuroimagem, aqui podemos nos deter um pouco mais em estudos de caráter linguístico. Se vigília e imagens são ingredientes básicos para a construção da mente consciente, então, marcas conversacionais, categorização, subjetividade, intersubjetividade, prototipia, digressão, tópico-foco, tema-remata e figura-fundo, por um lado, e iconicidade e marcação, por outro, tornam-se contrapartes interessantes para alcançar as emoções e os sentimentos veiculados pelos indivíduos em sua codificação via língua e linguagem.

---

<sup>7</sup> É o caso de: (i) *perspectiva*, que condiciona o mapeamento de objetos; (ii) *propriedade*, que evidencia o sentimento de que toda representação é subjetiva; (iii) *agentividade da ação*, que permite o reconhecimento de que os eventos e ações em relação a objetos são comandados pela própria mente; e (iv) *propriocepção* (refere-se às sensações que o indivíduo conscientemente tem de si, podendo, inclusive, relatá-las de modo objetivo), que representa os sentimentos primordiais de existência individual e independente de objetos. *Perspectiva*, *propriedade*, *agentividade* e *propriocepção* condizem com aspectos linguísticos proeminentemente investigados nos últimos trinta anos, o que abre caminho para uma aplicação mais madura em testes linguísticos de complexidades variadas.

Se objetos são o ponto de partida para a constituição do *self* mais complexo, então lidar com categorização e traços categoriais pode ser um caminho linguístico interessante também. Segundo Damásio, as imagens podem ser sensoriais (e não apenas visuais), então permitem lidar com o presente, o evocado, o concreto e o abstrato por puro hábito cerebral de mapear a tudo, inclusive a si mesmo<sup>8</sup>. É por isso que a mente consciente – aquela mais complexa – nasce do estabelecimento de relações entre o organismo e um objeto conhecido. Um objeto é o que é porque alguém o reconhece como tal. Imagina-se que uma mente danificada não alcance esses estágios todos de complexidade, mas não se sabe exatamente que mentes danificadas são essas.

Pessoas que convivem podem entrar em atrito, convergir, divergir e, nesse jogo cotidiano, vão procedendo à incorporação de hábitos cotidianos mediante heranças culturais e ações sociais, numa engrenagem de transmissão e recessão, incorporação e rejeição contínuas. O efeito psicológico disso é o (des)ajustamento cultural. Sentir-se parte e relacionar-se com outros indivíduos são ações que produzem a visão dual do processo de evolução humana: ser produtor e, ao mesmo tempo, produto da cultura. Nesse sentido, a cultura é fonte propícia para a compreensão da evolução humana e, à mesma proporção, chave para delimitar o que nos afasta de outras espécies.

Em outras palavras, não somente o desenvolvimento biológico contribui para a compreensão da trajetória humana, mas também sua integração social, especialmente nas fases de aquisição, transmissão e incorporação. Se não se recebe o bastão na corrida da vida, não será possível a apropriação de aspectos fundamentais e característicos da cultura. Esse (in)acesso torna o indivíduo ferramenta inútil, confusa e desprovida de meios para se relacionar socialmente. Sem o contato social e o aprendizado cultural, tudo é estagnação num tempo remoto, e os saltos e *insights* ancestrais, equivalendo a informações e habilidades desenvolvidas, tornam-se prejuízos irreparáveis.

Relacionando a informação de que a mente precisou de anos para alcançar sua fluidez, antes fragmentada por habilidades específicas e, antes ainda, por um programa geral de funcionamento, percebemos que a integração de conhecimentos e a solução de problemas só pode mesmo ser alcançada depois de se maturarem alguns outros conhecimentos. Isso não quer dizer que a evolução apaga as fases anteriores de toda a ontogenia. Justamente por isso, de um ponto de vista sistêmico, ainda convivem o conjunto de células

---

<sup>8</sup> “Com efeito, a voraz mania que nosso cérebro tem de produzir mapas leva-o a mapear seu próprio funcionamento – novamente, a falar consigo mesmo. Os mapas que o cérebro faz de seu próprio funcionamento provavelmente são a principal fonte de imagens abstratas que descrevem, por exemplo, a localização espacial e o movimento dos objetos, as relações entre objetos, a velocidade e a trajetória espacial de objetos em movimento e os padrões de ocorrência de objetos no espaço e no tempo.” (Damásio, 2011:233)

que manipula e processa informações e outro conjunto de células que oferece suporte físico e sustento. Trata-se de um sistema integrado que, diante de algum dano, pode, inclusive, deflagrar o que se chama de plasticidade cerebral. De um ponto de vista evolutivo, três processos evidenciam-se: complexidade, variação e necessidade (Del Nero, 1997). Partindo dessas reflexões, propomos que os usos linguísticos permitem intuir um *continuum* de evolução linguística pontilhada por *complexidade*, *variação* e *necessidade*. Seleccionamos para essa análise um verbo que, em seus usos mais básicos, remetem ao sentimento.

### 3. O verbo *sentir* e as estratégias de uso em sua complexidade

Partimos da ideia damasiana de que graus de consciência do indivíduo associam-se a uma gradação da complexidade dos usos linguísticos. Sendo assim, selecionar um item que propiciasse o reconhecimento de um uso que claramente envolva uma mente em movimento, ou seja, uma mente que sente, que percebe que sente e que, sentindo, pode produzir uma mudança em seu entorno, era nossa meta para a análise. Consideramos que o verbo *sentir* atende a esse pré-requisito, pois permite tanto codificar a experiência de perceber elementos externos a si, quanto a experiência de ter consciência sobre o sentir.

Na composição de amostras de língua portuguesa, decidimo-nos pela incursão no *Corpus do Português*, organizado por Mark Davies & Michael Ferreira, justamente por conter em sua base uma quantidade enorme de textos, o que nos permitiria acessar, mesmo concentradas num único século, uma diversidade de temas e uma variedade de gêneros. Essa estratégia favoreceria a recolha tanto mais heterogênea quanto mais representativa de usos da língua portuguesa.

Essas decisões de busca concentraram-se em torno do verbo *sentir*, em sua forma infinitiva, o que nos daria como resultado construções, supúnhamos inicialmente, com um verbo auxiliar ou quase-auxiliar na posição V1, antecedendo o verbo *sentir* na posição V2. Com essa forma de rastreamento, restrita ao século XX, recolhemos para análise um total de 1215 ocorrências, que avaliamos caso a caso, separando-as por similaridade formal. Chegando aos seguintes resultados:

Tipo de construção	Total Exemplo
(a) V1 + V2 ( <i>sentir</i> )	401 (33%) Quem assiste <i>precisa sentir</i> o que aconteceu na realidade...
(b) dá para + V ( <i>sentir</i> )	31 (2,5%) <i>Dá para sentir</i> a uma diferença...
(c) reduzida de infinitivo	206 (17%) Tento organizar melhor os tempos para fazer mais coisas, sem me <i>sentir</i> oprimido.

(d) ir + V2 (sentir)	127 (10,5%) ...mas <i>vou sentir</i> falta do bip...
(e) V1 (projetivo)	36 (3%) Quem se <i>sentir</i> prejudicado [e tentar...] não vai levar...
(f) V1	389 (32%) Tive <i>ocasião</i> de <i>sentir</i> na pele que...
(g) tem que + V(sentir)	25 (2%) Você <i>tem que sentir</i> a verdade.
<b>Total</b>	1215

**Tabela 1: Tipos de construções com o verbo *sentir***

Dois padrões apresentaram-se altamente recorrentes em relação aos demais: as construções locucionais com o verbo *sentir* na segunda posição (401 ocorrências) e o verbo pleno *sentir* como predicador em sua forma não locucional (389 ocorrências).

Padrão	Tipo de construção	Total	
(a)	V1 + V2 [ <i>sentir</i> ]	33%	401
(b)	<i>dá para</i> + V2 [ <i>sentir</i> ]	2,5%	31
(c)	oração reduzida de infinitivo	17%	206
(d)	ir + V2 [ <i>sentir</i> ]	10,5%	127
(e)	V1[ <i>sentir</i> ] (projetivo)	3%	36
(f)	V1[ <i>sentir</i> ] (absoluto)	32%	389
(g)	<i>tem que</i> + V2 [ <i>sentir</i> ]	2%	25
	<b>Total</b>		1215

**Tabela 2: Distribuição geral das ocorrências com o verbo *sentir***

Notemos que, estrito senso, não há locução nos padrões (c), (e) e (f), o que nos fez considerá-los membros do *grupo 1*. As formações constituídas por V+V estão nos padrões (a) e (d), o que nos fez considerá-los pertencentes ao *grupo 2*. Os padrões (b) e (g) aproximam-se formalmente por representarem a ligação quase-locucional de dois verbos, que estão ligados por conectores (*para* e *que*). Consideramos esses padrões membros do *grupo 3*.

A definitude é um componente intencional muito interessante para que o falante codifique seu distanciamento de alguma forma, provocando no interlocutor a impressão de que há uma descentralização do sujeito, ou seja, o sujeito passa a ser compreendido como distante do centro pragmático. Sendo assim, uma maior definitude é ferramenta útil à alta subjetivação enquanto a menor definitude pode sugerir um maior descomprometimento do falante. A compreensão desses efeitos possibilitou que utilizássemos esse critério como forma de apreensão de efeitos discursivo-pragmáticos de usos agrupados do verbo *sentir*. Não se deve perder de vista, em consonância com essa ideia, que a definitude parece ser um critério interessante para avaliar a compreensão, em termos de concretude e delimitação que o usuário faz de um uso linguístico. Submetemos, dessa forma, cada grupo de dados à correlação com esse fator de análise e o resultado foi o seguinte:

<b>Grupo 1</b>	<b>+definitude</b>	<b>-definitude</b>
<b>(c) reduzida de infinitivo</b>	76 – 37%	130 – 63%
<b>(e) V1 (projetivo)</b>	30 – 83,5%	6 – 16,5%
<b>(f) V1 (absoluto)</b>	346 – 89%	43 – 11%

**Tabela 3: Correlação grupo 1 x traço de definitude**

Esse agrupamento mostrou-se incoerente, pelo menos no que se refere ao comportamento da oração reduzida de infinitivo, pois esta reverteu a distribuição frequencial quanto à maior ou menor definitude do uso. Vejamos alguns exemplos:

- (1) Para filosofar [**proj.atitud.indef.**], é necessário [**aval.**] *sentir* isso...[**cond.def.**]
- (2) É possível [**aval.epist.**] *sentir* pessoas [**indef**] que se recusam a votar
- (3) Quando se faz um gesto[**indef**], é preciso[**aval.**] *sentir* mover o ar.
- (4) O mais importante[**aval. def.**] é *sentir* as coisas[**indef**]
- (5) O bom é [**aval.def.**] se *sentir* comum[**pred.anexo – indef.**].
- (6) Ao *sentir* a perna doer[**def.**], é que [foc.] se viu atirado ao chão.
- (7) Mas fica um tanto perturbado [**aval.def.**] por *sentir* que aquele contato lhe despertava de um desejo carnal.
- (8) A poluição [**génér.iterativo**] aqui já se faz *sentir*.
- (9) Isso [ter outra geração de expectadores] [**génér.iterativo** (ação indefinida, recorrente)] me faz *sentir* mais velho.
- (10) Não preciso disso para me *sentir* consolada.
- (11) Adriano Mourão gostava [**def.**] de *sentir* seu corpo forte em estado de disponibilidade e leveza sob a roupa.

Os exemplos de (1) a (11) são orações reduzidas de infinitivo. Todos eles representam construções com alto grau de subjetivação com motivações diferentes. Integra a moldura sintática desse grupo a presença de elementos que se reforçam mutuamente na construção de um percurso de indefinitude. São exemplos disso ferramentas linguísticas, tais como orações de finalidade agregadas a orações de base deôntica sinalizando a condição essencial para que a projeção se cumpra (como no exemplo 1), construções avaliativas de base epistêmica, com pseudopredicativas, em que um verbo de ligação ocupa a primeira posição da oração principal. São casos desse tipo os exemplos (1) a (3), que trazem o verbo *sentir* na oração subordinada, encabeçando uma oração com função subjetiva em sua forma infinitiva, ou seja, um sujeito não prototípico que sinaliza ao interlocutor sua condição estranha de membro sensorial de caráter genérico em uma construção avaliativa de caráter deôntico de gradação mais baixa, menos direta, menos invasiva e, portanto,

mais polida, ou seja, uma construção que protege eficientemente a face de quem a utiliza. O exemplo (6) remete a uma oração adverbial de tempo simultâneo, atuando como fundo da informação focalizada na oração seguinte. Essas orações são altamente integradas sintaticamente, compartilhando traços de identidade de sujeito e de tempo verbal das ações. Similar raciocínio quanto à integração sintática pode ser aplicado ao exemplo (7), que traz o verbo *sentir* no interior de uma oração adverbial causal, porém apresentada com a intenção de que seja compreendida como informação em segundo plano, dada a ordem de codificação. Essa, a despeito de ter um valor de causa implicado, difere da construção com verbos causativos, como os apresentados em (8) e (9), cuja intenção é colocar lado a lado informações altamente implicadas pela causa, portanto sem a necessidade do elemento conjuntor, que tornaria os dois verbos mais distantes. Com essa estratégia, o sujeito se despe de traços de agentividade e de controle sobre os efeitos informados na segunda oração, ou seja, o efeito revela-se inevitável. Essa estratégia é interessante porque permite colocar sintaticamente junto o que está junto cognitivamente. É impossível desvincular, na concepção do falante, um evento do outro, por isso fica impedido de separá-los também sintaticamente. Note-se que, em (10), a polaridade negativa junto a um verbo de traços potenciais de modalidade deôntica invalida a combinação sintática apresentada, tornandoos eventos não implicados em termos de finalidade. Portanto, a negação encabeçando a oração principal faz incidir polaridade negativa sobre a relação sintática efetivada, tornando os eventos independentes. Em (11), a oração que apresenta o verbo *sentir* funciona como objeto indireto, altamente integrado ao campo semântico do verbo *gostar*, presente na oração hierarquicamente superior. Assim como ocupa uma posição sintática essencial do campo semântico do verbo, também associa traços mais típicos e elementares do verbo *sentir*, dentre os quais está o de impactar substâncias mais concretas, no caso, o corpo físico.

Ainda sobre esse conjunto de dados, nota-se uma ligação tênue com o padrão seguinte: o exemplo (1) assemelha-se, em alguma medida, com os exemplos pertencentes ao padrão de reduzidas de infinitivo explicitado por meio dos exemplos (12) a (14). Estes diferem de todo o restante dos exemplos de seu grupo, por carregarem um valor mais concreto, com sujeito definido compartilhado pelas duas orações combinadas, o que denota a alta integração semântico-cognitiva dos eventos sequenciados:

- (12) Quem se *sentir* prejudicado[**indef.proj.sit.**], não vai levar [indef.proj.atit.]
- (13) Se *sentir* que tenho segura chance[**def.proj.sit.**], me candidatarei [def.proj.atit.].
- (14) Se meu filho se *sentir* da mesma maneira[**def.proj.sit.**], poderá seguir meu caminho.[proj.atit.]

Esses exemplos (12 a 14), mais raros na totalidade de dados do *corpus* provavelmente devido a motivações de gênero textual, permitem identificar duas orações projetivas combinadas no futuro. A primeira porção oracional constitui-se fundo para a segunda oração (figura). A combinação de ambas pode ser representada pela seguinte fórmula: projeção situacional (subjuntiva) + projeção atitudinal (indicativa). O fundo é hipotético e a figura é potencialmente factível dada sua projeção apoiada na subjetivação, ou seja, com base na experiência do falante, um cálculo de resultado já foi realizado. O sujeito da ação pode ser definido ou indefinido, mas o foco está construído na correlação de projeções situação x atitude. Os demais exemplos (15 a 22) trazem um nome subcategorizando o verbo *sentir*. Esse nome compõe-se de traços mais genéricos (ou pouco definidos em seus limites semânticos), constituindo-se, dessa forma, uma construção altamente abstrata em seus contornos, daí precisar constar numa camada mais restrita sintaticamente também. São instrumentos lexicais para essa construção os seguintes itens com alta carga de vagueza: *forma, coisa, ocasião, modo, necessidade, coragem, capacidade e fato*.

- (15) Cultura é a forma de *viver*, agir e *sentir* de um povo
- (16) ...aquela coisa de você *sentir* o prazer de ficar...
- (17) Tive ocasião de *sentir* na pela [que piscina reúne classes]
- (18) É materialmente o modo de *sentir* meu.
- (19) ele não tinha essa necessidade sufocante de *sentir* um ser aprisionado à sua vida.
- (20) Ganhou coragem de *sentir*.
- (21) Adquiriu a humana capacidade de viver e *sentir* por antecipação um acontecimento.
- (22) O que atrapalha o Brasil é o fato de você<sup>9</sup> se *sentir* isolado.

Passemos à análise do *grupo 2*, que se compõe de dois tipos aparentemente diversos de construção. Essa impressão só pode ser sentida se considerarmos os verbos que estão na posição V1 como único critério de descrição, pois, a depender do tipo de verbo, admite-se substituir a forma não finita de *sentir* por outra finita. Vejamos essa diferença de comportamento:

- (23) Delfino voltava a *sentir* na boca o gosto daquele medo.
- (23a) \*Delfino voltava que sentisse na boca...
- (24) Não podia deixar de se *sentir* atingida em qualquer ponto da consciência, ao ver...
- (24a) \*Não podia deixar que se sentisse atingida...
- (25) Só não queria *sentir* dor

---

<sup>9</sup> O pronome *você*, nesse exemplo, detém o traço de indefinitude.

- (25a) \*Só não queria que sentisse dor  
 (26) Foi só depois de ele sumir, que comecei a me *sentir* perseguido  
 (26a) \* ...comecei que me sentisse perseguido.  
 (27) Deve *sentir* por ela apenas simpatia  
 (27a) \*Deve que sente por ela apenas simpatia  
 (28) o Alto parece não *sentir* a umidade.  
 (28a) o Alto parece que não sente a umidade

Os exemplos (23), (26) e (27) que incluem os verbos *voltar*, *começar* e *dever* impõem restrição à forma finita do verbo *sentir*, o que é indício de que esses estejam em processo mais avançado de auxiliarização<sup>10</sup> no português. Já nos exemplos (24), (25) e (28), admite-se a forma finita do verbo *sentir*, porém a interpretação primária é que não há identidade de sujeitos, à exceção de (28), que, por ter a expressão do sujeito vincada pela 3ª pessoa, uma não pessoa, produz uma interpretação de mais fácil alcance ao interlocutor. Nos exemplos (24) e (25), na forma finita, a leitura de 3ª pessoa vinculada ao verbo *sentir* é inevitável, o que provoca interpretação equivocada quanto a quem seja o referente. Os resultados da correlação com o traço de definitude são apresentados na tabela a seguir:

Grupo 2	+definitude	-definitude
(a) V1 + V2 ( <i>sentir</i> )	341 – 85%	60 – 15%
(d) <i>ir</i> + V2 ( <i>sentir</i> )	85 – 67%	42 – 33%

Tabela 4: Correlação grupo 2 x traço de definitude

Enquanto o padrão (a) é altamente frequente no *corpus*, o padrão (d) o segue de perto quanto à recorrência. No entanto, o padrão (d), em proporção maior, demanda informações com traço de indefinitude. Isso se justifica porque essa construção, na maioria dos usos, relaciona-se com um evento futuro, com uma projeção hipotética ou remota ou com uma intenção, tal como é possível verificar nos exemplos que seguem:

- (29) mas vou *sentir* falta do bip (*sentirei* – evento futuro)  
 (30) Pode ser que a gente venha a não se *sentir* bem depois, né? (projeção hipotética)  
 (31) Quem penetra na acrópole vai se *sentir* furando a edificação na realidade (projeção remota)  
 (32) vamos nos *sentir* um pouco melhor (intenção)

Os padrões do grupo 3 aproximam-se formalmente, mas, como os resultados demonstram por números, afastam-se quanto à definitude:

<sup>10</sup> Com a auxiliarização, somente V1 pode assumir a forma finita, codificando as marcas de flexão do verbo principal, codificado em V2 (Heine, 1993).



Grupo 3	+definitude	-definitude
(b) <i>dá para</i> + V [ <i>sentir</i> ]	6 – 20%	25 – 80%
(g) <i>tem que</i> + V [ <i>sentir</i> ]	19 – 75%	6 – 25%

Tabela 5: Correlação grupo 3 x traço de definitude

Ambos os padrões constroem-se em terceira pessoa do singular e incorporam elementos conectivos antecedendo o verbo *sentir* (*para* e *que*), mas somente o padrão (b) não admite flexão de número, o que nos conduz à leitura de que esse tipo de construção tenha mais baixa transitividade, principalmente se considerarmos que o sujeito também é um elemento de relevante contribuição para a determinação da gradação de transitividade sentencial nos moldes de Hopper & Thompson (1980)<sup>11</sup>. Consideremos alguns exemplos desses usos:

- (33) Deu para *sentir* a potência [do instrumento musical]
- (34) Dava para *sentir* cheiro de borracha queimada.
- (35) Só tenho que *sentir* prazer e orgulho
- (36) Você tem que *sentir* a verdade.

É interessante notar que o mais comum é que V1 seja unipessoal, em terceira pessoa do singular, independentemente do tempo verbal. Já o padrão (g) mantém traços formais que o aproximam de uma oração principal seguida de seu conector. No entanto, dada a presença do verbo *sentir* na forma nominal, verifica-se que o conector não tem poder de conduzir o verbo à flexão esperada para uma oração desenvolvida. Esse seria um forte indício de processo de construcionalização, nos termos de Goldberg (1995). Do ponto de vista semântico, a construção *dá para* remete a uma interpretação de possibilidade, uma modalização epistêmica de relativo grau de polaridade negativa. Já a construção *tem que* remete a uma interpretação de obrigatoriedade, uma modalização deôntica de alto grau de polaridade afirmativa.

#### 4. Considerações finais

A distribuição dos padrões de uso permite compreender que o traço *definitude* atinge contextos diferentes de interpretação: enquanto a reduzida de infinitivo atinge as situações de validade atemporal, conduzindo a uma interpretação mais generalizante de um fato (ou recorrente em determinadas condições). Demonstramos que a recorrência desse uso nos remete à inten-

<sup>11</sup> No modelo de estudo da transitividade de Hopper e Thompson, todos os elementos da sentença contribuem com a transitividade e não apenas o verbo.

ção individual de se fazer compreender com construções altamente produtivas e compreensíveis em português. No entanto, junto com construções simples, tais como “isso [ter outra geração de expectadores] me faz sentir velho”, em que é possível interpretar que, em todas as vezes que outra geração de expectadores estiver na presença do falante, o paciente da segunda oração vai se sentir velho, o falante codifica sua intenção mais invisível e mais elaborada de conduzir o interlocutor à compreensão de uma verdade absoluta e atemporal à luz da subjetivação. Assim, selecionar uma construção baseada no uso de orações reduzidas de infinitivo revela-se uma estratégia altamente complexa de informar avaliações subjetivas.

Nesse caso, como em outros aqui descritos, reconhece-se o emparelhamento forma-função, que representa, em última instância, a ligação entre ordenação linear e intenção, e entre integração sintática e justaposição cognitiva. Essas estratégias são acolhidas como respostas ao princípio de iconicidade, que demonstraria uma ferramenta altamente produtiva para transmitir ao interlocutor intenções comumente compartilhadas, mas dependentes de experienciamento sociolinguístico. Em outras palavras, a complexidade cognitiva deixa pontilhadas as marcas na codificação sintática.

Com base no exposto, *perspectivação*, *propriedades*, *agentividade* e *propriocepção* são aspectos que permitem construir codificações discursivo-pragmáticas via sintaxe da língua. Nesse sentido, a opção pelo emprego do verbo *sentir* permite a manipulação de um conhecimento geral em cuja base está a ideia de que alguém é paciente, é capaz de manifestar propriocepção e, a depender de seus experienciamentos socioculturais, pode manipular a codificação sintática de modo a carrear sua perspectivização em primeiro plano (figura) e deixando a intersubjetivação em segundo plano (fundo).

Esse jogo de intenções explicitadas e escondidas, via deslocamento de planos discursivos, guia as formas de leitura do interlocutor. As propriedades, tais como as identificadas em cada padrão de uso, notadamente a manipulação dos traços do sujeito, estão assentadas na base comunicativa. Sendo assim, ao interpretar construções complexas que mobilizam itens de uso geral e de sentido comum, deve-se recorrer ao exercício inferencial que permite relacionar forma-função e uso-intenção. Essa estratégia de leitura favorecerá apreender os efeitos comunicativos de construções abstratas da língua.

Foi o que fizemos ao intuirmos que um texto sobre sentimentos permitiria mobilizar elementos, tais como consciência e autobiografia, para aproximar o *sensu comum* do *intangível* num percurso autobiográfico remanescente. Esse tema não somente favoreceu que compreendêssemos um pouco mais sobre os usos do verbo *sentir*, mas ainda nos permitiu manifestar uma justa homenagem à Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Francisca Xavier, que é, sobretudo, uma docente que imprimiu suas marcas de subjetividade e intenções positivas por todo o seu percurso acadêmico-científico, pontilhado por sentimentos de mais elevada estima.

## Referências bibliográficas

- Croft, William (2010). Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century. *Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*, ed. Patrick Hogan, 1-11. Cambridge: Cambridge University Press.
- Damásio, António R. (2011). *E o cérebro criou o homem*. Tradução de Laura Teixeira Motta. Campinas/São Paulo: Companhia das Letras.
- Davies, Mark; Ferreira, Michael (Orgs.). *Corpus do Português*. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>
- Del Nero, Henrique Schutzer (1997). *O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano*. São Paulo: Collegium Cognitio.
- Goldberg, Adele (1995). *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press.
- Harris, Alice; Campbell, Lille (1995). *Historical syntax in crosslinguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Heine, Bernd (1993). *Auxiliaries: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press.
- Hopper, Paul J.; Thompson, Sandra (1980). Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, Vol. 56, No. 2. (Jun.), pp. 251-299.
- Lima-Hernandes, Maria Célia (2008). Esquecimento histórico e mudança linguística: um risco de vida no português brasileiro. In: Lima-Hernandes, M.C.; Marçalo, M.J.; Micheletti, G.; Rossi, V.L. (Org.). *A Língua Portuguesa no Mundo – I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. São Paulo: FFLCH-USP.
- Lima-Hernandes, Maria Célia (2010). Mudança Gramatical: caminhos a percorrer. In: HERNANDES, M.C. (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, pp. 87-104.
- Lima-Hernandes, Maria Célia (2011). *Indivíduo, Sociedade e Língua: Cara, tipo assim, fala sério!* São Paulo: EDUSP.
- Lima-Hernandes, Maria Célia; Marçalo, Maria João; et al. (Orgs.). (2007). *A Língua Portuguesa no Mundo (I SIMELP)*. São Paulo: FFLCH-USP. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/simelp/>
- Marçalo, Maria João; Lima-Hernandes, Maria Célia; et al. (Orgs.). (2009). *A Língua Portuguesa – ultrapassar fronteiras. Juntar culturas*. [II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa]. Évora: Universidade de Évora. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/post.html>
- Tomasello, Michael (2003). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes.